

A LITERATURA COMO DIREITO

TELÊ ANCONA LOPEZ

Universidade de São Paulo

Resumo

Escrito no feitiço conciso de uma crônica, o texto destaca o caráter de “conversaço” que preside os ensaios em *Vários escritos* de Antonio Candido. O objetivo é mostrar que essa coletânea ilumina descobertas e cogitações relativas a autores, obras, história, criaço literária, conceitos, sempre enfeixando relaçoões entre homem e sociedade.

Abstract

*Written as a kind of chronicle, this text emphasizes aspects related to conversations in the essays of Antonio Candido's *Vários escritos*. Its aim is also to show that this diversified assemblage of texts illuminates discoveries and thoughts related to authors, works, literary creation, concepts, always building relations between man and society.*

Palavras-chave

Crônica;
Criaço
literária;
Conversaço;
História;
Sociedade

Keywords

Chronicle;
Literary
creation;
Conversation;
History;
Society

Depois de tentativas, desisto de um estudo circunstanciado sobre *Vários escritos* para me entregar a esta espécie de crônica, cuidando especialmente de “O direito à literatura”, ensaio de 1988, integrante da coletânea a partir da terceira edição, de 1995, quando o autor reorganiza a obra lançada em 1970 pela Livraria Duas Cidades. A editora paulistana continua encarregada do livro, tendo se associado, em 2004, à carioca Ouro sobre Azul.

Vários escritos abre-se com afetuosa elegância: “A Emílio Moura, grande poeta e grande amigo,/ O.D.C.”, isto é, oferecida, dedicada e consagrada a este importante nome da nossa poesia, no século XX. O título guarda, na virtude da simplicidade, ensaios da maior relevância, nos quais o conhecimento teórico e a erudição se ligam, de forma indissolúvel, à imaginação crítica que assegura a interpretação original. *Vários escritos*, além de trilhar a interdisciplinaridade na história, na filosofia e na política, sabem a memórias e à autobiografia na apresentação paralela espirituosa, por vezes lírica, de momentos e casos da vida literária.

Na epígrafe colhida na ficção de Lewis Carroll – “[...] *what is the use of a book, thought Alice, without pictures or conversations?*” –, o ensaísta se pergunta com humor e interroga seus leitores: quem outra serventia um livro possui? A quem vem este conjunto de estudos? Considerando o caráter de porta-voz ou abre-alas das epígrafes, percebe-se, nas feições que Antonio Candido dá à coletânea, sua resposta ao *nonsense* selecionado. Este seu livro serve para difundir descobertas e cogitações suas relativas a obras, autores, à criação literária; a conceitos, à história, ao homem e à sociedade; atualiza questões estéticas e reúne matéria digna de um banquete à Platão. Ao prender o leitor no circuito de uma prosa vibrante, estribada na argumentação sólida, na estrutura bem arquitetada e no estilo inconfundível que combina o vocabulário crítico rigoroso com a linguagem isenta de pretensão retórica ou chavões acadêmicos, *Vários escritos* são *conversations*. Elevada *causerie* que encantaria Saint-Beuve. Versam com liberdade sobre o que interessa

ao autor e fazem com que a crítica e a história literária conversem com as memórias. As descobertas decalcadas na pesquisa em fontes primárias, em documentos de época, convivem com as iluminações do crítico e com a *petite histoire*. No encadeamento dos títulos, a lógica é da colocação aleatória, desprezada a cronologia da redação, bem como a sequência temporal nos assuntos e obras escolhidos. Esta lógica *sui generis* anima a pluralidade do conjunto e, dentro dela, a autonomia de cada título, o que autoriza a leitura igualmente aleatória, em nada escolar. Além disso, *Vários escritos* tem *pictures* para alegrar Alices, quando o enfoque de certas cenas e acontecimentos ilustra a prosa do memorialista, aproximando-a do cinema. Basta lembrar Oswald de Andrade e amigos que descem, como num filme, a rua Martiniano de Carvalho até a “enorme casa fantástica”; o encerramento do I Congresso de Escritores Brasileiros, em janeiro de 1945, captado num *close*, ou determinadas sequências na construção da história de Paulo Emílio.

Distancio-me, porém, de Machado, Oswald, Drummond, dos ultramarinos, dos outros títulos para destacar “O direito à literatura”, ensaio que ao fundir, com rara pertinência, teoria literária, filosofia e análise de texto, nos confirma em nosso prazer cotidiano da leitura e em nosso mister de professores. Na origem foi a conferência que, em 1988, ampliou a palestra “A literatura e a formação do homem”, realizada no início da década de 1970, na reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (acha-se na revista *Remate de Males* do Departamento de Teoria Literária do IEL/Unicamp, n. especial Antonio Candido, 1999. p. 81-89). Fez parte de um curso promovido, naquele ano, pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo e, antes de figurar em *Vários escritos*, veio no livro de Antonio Carlos Ribeiro Fester, *Direitos humanos e...*¹ E, há algum tempo, essa meditação magistral de Antonio Candido tem me valido como estudo de átrio, em cursos de Literatura Brasileira, na graduação e na pós-graduação. Em uma das vezes, “O direito à literatura” reverberou, candente, no depoimento de uma aluna:

“Minha mãe, que é faxineira, me pediu para tirar na biblioteca poesias do Drummond. Eu disse que era bobagem porque ela não entenderia. Agora, depois desta discussão, já levei o livro e fico pensando na necessidade e no direito dela que, afinal, pude compreender.”

“O direito à literatura” põe em letra de forma o filósofo que seus alunos e amigos têm a felicidade de escutar. Norteados por ideias de cunho socialista, Antonio Candido recorre ao seu cabedal de teórico e crítico para expor a função humanizadora da literatura, diretamente vinculada à satisfação de uma necessidade incontestável do ser humano, cravada na psique de todos nós – o sonho, a efabulação que transfiguram a vida na criação literária. Esta, como arte, vale sempre como elevada expressão da liberdade do homem, conforme para Octavio Paz.

¹ Antonio Carlos Ribeiro Fester. *Direitos humanos e...*, São Paulo, Brasiliense, 1989.

Não pretendo me estender no comentário, mas apenas lembrar a nossa responsabilidade de professores. Todos defendemos e proclamamos – é óbvio! – o direito que Antonio Candido esmiúça, e, frequentemente, muitos vedam a descoberta da literatura, na experiência dos alunos. O estudo da teoria e da crítica, que prescrevemos, é fundamental, instrumenta, apoia; porém, quando se transforma na finalidade precípua de cursos e disciplinas, ignora o direito à literatura. Penso que o desdém ao mergulho no texto, à análise paciente dos elementos que o constituem, à capacidade de fruir poesia, ficção e crônica, condena o estudante ao *magister dixit*. Convida-o a se limitar em termos de evolução, humanização. Revejo, em minha mente, a sala de aula lotada e nós, alunos, trabalhando com Antonio Candido, durante um semestre inteiro, o poema “Louvação da tarde” de Mário de Andrade.